



## **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM PERIFERIAS CAPIXABAS: UMA ANÁLISE DE REPORTAGENS DE JORNAIS DO SUL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO SOBRE A JUVENTUDE DESSAS LOCALIDADES**

ARRUDA, Angelo Moreira

*Estudante do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem*  
angelo.usc@hotmail.com

SILVA, Renata Charra

*Psicóloga*  
renata\_charra@hotmail.com

SANTOS, Andrea de Fátima

*Psicóloga, Especialista em Recursos Humanos, Mestre em Sociologia Política (Processos Globais, Sociabilidades e Identidades)*  
andreasantos@saocamilo-es.br

### **RESUMO**

Essa pesquisa teve como foco identificar representações sociais sobre a juventude nas periferias capixabas a partir de reportagens de jornais do sul do Estado do Espírito Santo e, por fim, problematizar os discursos produzidos em torno do público alvo. Com tais propósitos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, qualitativa de cunho exploratório, com a base teórica na Teoria das Representações Sociais. Os instrumentos de coleta de dados, por sua vez, foram reportagens de jornais do sul do Estado do Espírito Santo sobre a juventude nas periferias capixabas veiculados no período de 06 de janeiro a 16 de novembro de 2013. Por fim, o material selecionado foi analisado a partir dos pressupostos da Análise de Conteúdo de Bardin (2002). A análise de dados foi realizada a partir da análise de conteúdo proposta por Bardin na qual foram elencadas as seguintes categorias: Culpabilização da família, Vigilância e controle, Juventude e Delinquência, Juventude e drogadicção e Segmentação de Classes e direitos, que expressam as representações encontradas nas reportagens. Com isso, percebe-se que a sociedade conserva representações sociais cada vez mais enrijecidas frente aos jovens moradores da periferia, e a mídia, por assim dizer, distribui formas de comportamento, exclusão e segregação frente a essas camadas mais empobrecidas da sociedade. Porém, torna-se necessário provocar na sociedade outras formas de olhar tais narrativas e tentar minimamente produzir fissuras nesses discursos que são tão endurecidos para assim produzir, no mínimo, mudanças microscópicas através de micropolíticas sociais.

**Palavras-chaves:** Representações Sociais; Juventude; Periferias;

### **ABSTRACT**

This research focused on identifying social representations about the youth in the suburbs capixabas from newspaper reports of the southern state of Espírito Santo and, finally, problematize the discourses produced around the target audience. With such purposes, a bibliographic research was performed, a qualitative exploratory one, with the theoretical basis of the Theory of the Social Representations. The instruments of data collection, on the other hand, were newspaper reports of the southern state of Espírito Santo about the youth in the suburbs capixabas conveyed during the January 06th to November



16th, 2013. Finally, the selected material was analyzed from the assumptions of the Content Analysis of Bardin (2002). The data analysis was performed based on the content analysis proposed by Bardin in which the following categories were listed: The family culpability, Surveillance and Control, Youth and Delinquency, Youth and drug addiction and Classes and rights Segmentation, which express the representations found in the reports. Therewith, it is noticed that the society retains social representations increasingly tensed against the young residents of the periphery, and the media, as it were, distributes forms of behavior, exclusion and segregation against these poorer layer of the society. However, it is necessary to provoke on the society other ways of looking at such narratives and try to minimally produce cracks in these speeches that are so hardened to thereby produce at least microscopic changes through social micropolitics.

**Key-words:** Social Representations; Youth; Peripheries;

## Introdução

A Psicologia Social busca conhecer o indivíduo no conjunto de suas relações sociais, tanto naquilo que lhe é específico como naquilo em que ele é manifestação grupal e social. Portanto, o indivíduo é visto como sujeito e transformador de sua própria história, como construtor de seus conceitos, que, embora o delimitem, o recortem, não são conceitos fechados, mas históricos, ideológicos, contraditórios, multideterminados, mediados, para que se possa compreender e explicar os fenômenos psicológicos.

Este artigo tem como objetivo discutir as representações sociais sobre a juventude nas periferias capixabas a partir da seleção de reportagens de jornais do sul do Estado do Espírito Santo no período de 06 de janeiro a 16 de novembro de 2013. Verifica-se a importância do tema proposto sobre as representações e significações atribuídas a este assunto, uma vez que as representações que se tem sobre a juventude nas periferias fabrica posturas frente às mesmas repercutindo, assim, no que é compartilhado sobre esta temática.

Optou-se pela Teoria das Representações Sociais por ser uma área relacionada ao campo da Psicologia Social capaz de abranger uma grande diversidade de temas relacionados a pesquisas de diversos campos de conhecimento contribuindo na construção de saberes e reflexões acadêmicas e sociais. Além disso, tal teoria possui seu olhar voltado tanto para a influência dos contextos sociais sobre os indivíduos como para a participação destes na construção de sua realidade social.



As representações sociais têm ocupado um espaço importante e têm sido um instrumento fundamental para a compreensão da complexidade, das aparentes discrepâncias e dicotomias que surgem no processo de conhecimento de um dado fenômeno social, tendo como pressuposto fundamental o efeito do cotidiano em sua construção.

Em relação ao tema proposto nessa pesquisa, podemos destacar duas produções relevantes na construção da nossa proposta de investigação, descritas a seguir.

MENANDRO, TRINDADE E ALMEIDA (2003), desenvolveram uma pesquisa muito pertinente intitulada “Representações sociais da adolescência/juventude a partir de textos jornalísticos” (1968-1974 e 1996-2002), no qual relatam que ao abordar as representações sociais que a mídia jornalística constrói acerca da adolescência/juventude, torna-se possível vislumbrar como ocorre a dinâmica que tanto repercute na vida das pessoas, como também as impulsionam a fabricarem fatos que se tornam reais para elas.

Sob o mesmo aspecto, as pesquisas de ESPÍNDULA et al. (2006), do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), resultaram no artigo intitulado ““Perigoso e violento”: representações sociais de adolescentes em conflito com a lei em material jornalístico”, no qual é enfatizado como o discurso produzido pela imprensa escrita repercute diretamente na construção de formas de enxergar tais fenômenos. O objetivo da pesquisa de tais autores foi investigar as representações sociais que são construídas pela imprensa escrita sobre os adolescentes em conflito com a lei.

Inspirados nas pesquisas dos autores acima citados, nosso objetivo foi investigar o olhar de jornalistas sobre a juventude nas periferias cachoeirenses e, a partir disso, problematizar a relação existente entre as representações sociais e o que é divulgado sobre os jovens moradores das periferias.

A Teoria das Representações Sociais foi inicialmente conceituada em 1961 por Serge Moscovici que, grosso modo, caracterizou-a como as definições construídas socialmente por um grupo social, a qual confere significados a todos os acontecimentos, auxiliando, com isso, na construção de um senso comum compartilhado entre os integrantes de tal grupo. As representações que se tem do mundo variam de acordo com a cultura, época, grupo ao qual estão inseridos.



Ao pesquisar o olhar que a mídia jornalística constrói sobre as periferias cachoeirenses, sob o enfoque das representações sociais, é possível compreender como as produções midiáticas sobre este assunto participam de um processo de construção coletiva, tornando-se fatos compartilhados por um grupo social.

## **Representações Sociais e Discurso da Mídia**

A pretensão de tentar articular os discursos da mídia e a Teoria das Representações Sociais se baseia no que MOSCOVICI (2010) relata ser uma das funções de tal teoria, que está relacionada com o ato de convencionalizar os acontecimentos, objetos e pessoas. Neste sentido, elas lhes modelam, as põem em um determinado lugar e as fazem conhecidas por um grupo de pessoas através de um rótulo, uma marca. Segundo ele:

Essas convenções nos possibilitam conhecer o que representa o quê: uma mudança de direção ou de cor indica movimento ou temperatura, um determinado sintoma provém, ou não, de uma doença; elas nos ajudam a resolver o problema geral de saber quando interpretar uma mensagem como significativa em relação a outras e quando vê-la como um acontecimento fortuito ou casual. (MOSCOVICI, 2010, p. 34)

Portanto, pode-se dizer que ao se convencionalizar, as representações sociais constroem maneiras de se enxergar determinados fenômenos, isto é, postulam padrões específicos para reconhecê-los. Para o autor, tais padrões debruçam sobre o fato de uma sociedade pensar, ou não pensar, pois, isso soa um “tom” de uma melodia que não foi propriamente composta por ela. Dizer que uma sociedade não “pensa”, abre uma via de mão dupla sobre tal problemática. A primeira via diz que vivemos em uma sociedade condicionadora, a fim de dizer que nossas mentes são pequenas caixas-pretas que recebem pensamentos, informações e palavras, para resultar em gestos, julgamentos e opiniões. A segunda, afirma que, o homem, controlado por uma ideologia dominante, não pensa por si só e não produz nada que não seja seu, mas, que a todo o momento, reflete tal ideologia das classes dominantes como o estado, escola, igreja etc. Sem dúvida, o que é produzido pela mídia repercute diretamente em tal processo.



Para MOSCOVICI (2010) é possível questionar, de alguma forma, as convenções compartilhadas e então conseguir enxergar os aspectos que estão por trás de suas imposições. No entanto, isso é realizado parcialmente, visto que não é possível se livrar por completo de todas as convenções ou de todos os preconceitos. Portanto, nota-se que:

Melhor que tentar evitar todas as convenções, uma estratégia melhor seria descobrir e explicitar uma única representação. Então, em vez de negar as convenções e preconceitos, esta estratégia nos possibilitará reconhecer que as representações constituem, para nós, um tipo de realidade. (MOSCOVICI, 2010, p. 36 e 37).

Com isso, pode-se supor que ao desvelar uma representação social será possível compreender que grande parte da realidade social não é “tão natural” quanto se pensa, mas faz parte de um emaranhado de construções humanas, de uma teia de convencionalizações.

O autor afirma que, outra função das representações sociais seria a de prescrição, a qual conceitua que as mesmas se institucionalizam por meio de uma força muito atraente. “Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado” (MOSCOVICI, 2010, p. 36).

Assim sendo, o homem pensa mediante as representações do seu meio social, e não através de um mero esforço de pensar, ou seja, o homem pensa aquilo que as Representações Sociais lhe possibilitam pensar. É claro que isso não se dá numa mão única, isto é, as representações fabricadas e compartilhadas por um grupo social sempre encontram muitas forças de resistências no ato de pensar e produzir conhecimentos realizados pelo homem. No entanto, não há como negar que as representações sociais desempenham um papel muito importante nesse processo.

De acordo com as pesquisas de ESPÍNDULA et al (2006), como as representações sociais são fabricadas por meio das várias comunhões existentes no contato entre os integrantes de um determinado grupo social circunscrito por uma realidade produzida historicamente, elas passam a gerir as diferentes relações que são estabelecidas nos diversos segmentos vivenciados por tal grupo.

O conhecimento do senso comum, o qual é construído por meio das relações sociais e que passa a fazer parte da dinâmica de conhecimentos comungada entre todos que pertencem à



um grupo social específico, faz parte do arsenal de informações que se forma sócio-historicamente no seio de cada sociedade.

Portanto, entende-se que os discursos midiáticos produzidos em torno das periferias cachoeirenses não é um fenômeno estável, imutável ou “natural”, uma vez que a forma como tal questão é vista na contemporaneidade possui traços que praticamente não existiam antigamente. Sendo assim, pode-se considerar que a concepção que se tem sobre as periferias é marcada pelos diversos fatores sociais, históricos e culturais construídos na atualidade.

## **Métodos**

Para alcançar os objetivos propostos sobre o tema foi realizada uma pesquisa bibliográfica, qualitativa de cunho exploratório (GIL, 1991), com a base teórica na Teoria das Representações Sociais, uma vez que tal tipo de pesquisa visa esclarecer, desenvolver e propor uma visão generalista sobre um determinado tema e, portanto, encaixa-se no objetivo da temática proposta de investigar, verificar e problematizar as representações sociais de reportagens de jornais do sul Estado do Espírito Santo sobre a juventude nas periferias capixabas.

Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados reportagens de jornais do sul do Estado do Espírito Santo sobre a juventude nas periferias capixaba veiculados no período de 06 de janeiro a 16 de novembro de 2013.

O material selecionado foi analisado a partir dos pressupostos da Análise de Conteúdo de Bardin (2002), cujo método tem como objetivo inferir conhecimentos relativos à produção de conhecimento, a fim de comparar os dados obtidos mediante o discurso e símbolos com os pressupostos teóricos até então existentes.

A análise de conteúdo é um recurso metodológico, que de acordo com Minayo (1993), “articula a superfície descrita e analisada com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural, contexto e processo de produção da mensagem”.



## Resultados e Discussão

Através da análise das reportagens buscando identificar as representações sociais acerca dos jovens residentes em periferias, observou-se logo de início a escassez de reportagens com uma visão positiva direcionada a tal grupo.

Após a seleção das reportagens e matérias relacionadas ao tema, procedeu-se a leitura flutuante através das quais emergiram algumas categorias de análise que foram abstraídas dos conteúdos e títulos das matérias e foram elencadas algumas categorias de análise.

Para a melhor compreensão, a seguir apresentamos as categorias de análise extraídas e trechos das reportagens que buscam identificar o pensamento coletivo, produzido e/ou reproduzido nos jornais sobre os jovens da periferia. Ao final de cada categoria são tecidos comentários e análises ligando os conteúdos representados nos jornais a teorização sobre o tema.

### **Categoria 1: Culpabilização da família**

Neste aspecto, observa-se que algumas reportagens indicam que o poder público desqualifica a família e coloca a responsabilidade nos pais. Também é possível notar que há sempre uma percepção de que os jovens não têm perspectiva de futuro e nem responsabilidade por seus atos.

Reportagem: Ela coloca menores infratores na linha.

“A impressão que dá é que famílias e escolas não tem mais controle sobre crianças e adolescentes. Muitas discussões entre pais e filhos vão para a delegacia”. (Jornal: “A Tribuna” - Vitória - 06 de janeiro de 2013, p. 12).

Reportagem: Toque de recolher para adolescentes

“Estamos fazendo audiências públicas. Estamos preocupados com a mortandade e a falta de perspectiva dos jovens. Quero resgatar e restabelecer a responsabilidade dos pais. Percebo





omissão do poder público e, em alguns casos, da própria família”. (Jornal: “A Tribuna” - Vitória - 11 de fevereiro de 2013, p.51).

### **Categoria 2: Vigilância e controle**

Observa-se o intuito da sociedade de controlar os feitos dos jovens, vigiando suas “mazelas” e punindo suas ações. Novamente os jovens são percebidos como irresponsáveis, imaturos, perigosos e ainda protegidos pelo Estado.

36

Reportagem: Projeto cria toque de recolher para adolescentes em Aracruz

“O nosso objetivo é estabelecer medidas que protejam e resguardecam as crianças e adolescentes de situações de perigo e vulnerabilidade”. (Jornal: A Tribuna – Vitória – 09 de março de 2013, p. 18).

Reportagem: Revolta e medo durante enterro

“Adolescentes tem direito de votar, roubar e matar, mas não pode trabalhar. A polícia prende e a lei manda soltar”. (Jornal: A Tribuna – Vitória – 06 de abril de 2013, p. 21).

Reportagem: Moradores perseguem e prendem gangue da bicicleta

“Dois adolescentes de 14 anos e um de 15 foram autuados por roubo e levados para a Unidade de Atendimento Inicial (UNAI), em Maruípe”. (Jornal: “A Tribuna” - Vitória - 16 de julho de 2013, p.24).

### **Categoria 03: Juventude e delinquência**

Nota-se a forma insistente de como a mídia constrói modelos em que os jovens são vistos de forma depreciativa, sendo representados e qualificados em torno de comportamentos delinquentes e estereotipados. Neste sentido, apesar de selecionarmos apenas duas reportagens que ilustram a temática, é possível perceber que esta denominação ou estereótipos de





delinquencia e violência perpassa praticamente todas as reportagens selecionadas, classificadas nas demais categorias.

Reportagem: Moradores perseguem e prendem gangue da bicicleta

“Após assaltar uma cabo do corpo de bombeiros, de 26 anos às 22h20 de quarta-feira, **uma gangue** que agia de bicicleta foi perseguida e detida por moradores, no bairro Jardim Camburi, em Vitória”. (Jornal: “A Tribuna” - Vitória - 19 de agosto de 2013, p.24).

“Sem reagir, a cabo entregou o celular e uma carteira- que continha documentos e R\$ 215,00 em dinheiro – **para os ladrões**”. (Jornal: “A Tribuna” - Vitória - 20 de setembro de 2013, p.24).

#### **Categoria 04: Juventude e Drogadicção**

Percebe-se a relação direta que a mídia faz dos jovens com o uso de substancias psicoativas. Um outro aspecto que pôde ser observado nessa categoria é o quanto tal relação afeta os processos de higienização dos bairros nobres.

Reportagem: Tráfico na rua em bairros nobres

“O consumo e venda de drogas, sem limites, tomou conta de ruas em bairros nobres de Vitória e Vila Velha”. (Jornal: “A Tribuna” - Vitória - 12 de agosto de 2013, p.02).

“Jovens de todas as classes sociais, incluindo menores, testam os limites da lei e usam as vias públicas para se drogar e consumir álcool”. (Jornal: “A Tribuna” - Vitória - 12 de outubro de 2013, p.02).

“Ao lado de um condomínio de luxo, de frente para a Praça do Papa, eles consomem drogas, álcool e amedrontam os moradores”. (Jornal: “A Tribuna” - Vitória - 12 de outubro de 2013, p.02).

“Em Jardim da Penha, o principal foco de desafio às leis é a Rua da Lama. Na maioria dos casos, jovens de classe média e universitários se aproveitam da aglomeração de pessoas no



local para usar maconha e cocaína”. (Jornal: “A Tribuna” - Vitória - 16 de novembro de 2013, p.02).

### **Categoria 05: Segmentação de classes e de direitos**

Verifica-se que o poder político e social se encarrega de classificar os jovens repartindo direitos de acordo com a classe social e/ou renda de cada indivíduo. Nesta categoria a divisão socioeconômica é revelada de forma distinta no momento em que se separa estudantes de todas as idades dos jovens de baixa-renda, fazendo uma possível alusão de que os jovens de baixa renda nem sempre são estudantes.

Reportagem: “Lei sendo mal interpretada”

“Esse projeto de lei ainda está passando pela Câmara dos Deputados. Antes disso, vamos regulamentar o Estatuto da Juventude e garantir o mínimo de 40% de ingressos de meia-entrada para estudantes de todas as idades e jovens de baixa-renda”. (Jornal: “A Tribuna” - Vitória - 15 de agosto de 2013, p.18).

Ao analisar as categorias aqui propostas foi possível observar a complexidade que perpassa as representações sociais expressadas pela mídia, as quais participam dialeticamente da construção do senso comum compartilhado por um grupo social.

Tais categorias foram construídas com objetivo de provocar um olhar mais crítico acerca dos jovens residentes em periferias, visto que as representações que são divulgadas tanto na mídia quanto em outros segmentos da sociedade muitas vezes são atravessadas por estereótipos e estigmas.

Portanto, ao explicitar o papel que a mídia exerce na construção de diversas representações sociais, em especial, as percepções voltadas para o grupo de pesquisa desse artigo, torna-se possível enxergar o quanto tal mecanismo não é natural, mas atravessado por diversas questões socioculturais.



## Considerações Finais

A cada dia que passa, a mídia constrói conceitualizações e repassa nomenclaturas e significados a respeito dos jovens moradores da periferia, considerando os mesmos como delinquentes, ladrões, drogados, perigosos, etc. reproduzindo formas de pensar sem dar a chance dos fatos serem problematizados e questionados.

Portanto, se torna possível atribuir um outro olhar sobre tais discursos que já estão prontos e engessados pela mídia e pela sociedade, também, faz-se pertinente pensar sobre como é produzido o conceito de periculosidade e de criminalidade, ou seja, se é que todos os acontecimentos da periferia são dignos de receberem tais rótulos.

Com isso, percebe-se que a sociedade conserva representações sociais cada vez mais enrijecidas frente aos jovens moradores da periferia, e a mídia, por assim dizer, distribui formas de comportamento, exclusão e segregação frente a essas camadas mais empobrecidas da sociedade. Porém, torna-se necessário provocar na sociedade outras formas de olhar tais narrativas e tentar minimamente produzir fissuras nesses discursos que são tão endurecidos para, assim, produzir, no mínimo, mudanças microscópicas através de micropolíticas sociais. Por isso, as práticas *psi* se mostram tão necessárias e emergenciais na sociedade afim de, tocar em pontos que permitam refletir sobre os espaços periféricos e sobre o olhar que a sociedade lança sobre ela, pois são temáticas que se mostram cada vez mais pertinentes ao campo da Psicologia.

## Referencias Bibliográficas

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2002.

BOUSFIELD, Andréa Barbará da Silva. **Divulgação do conhecimento científico sobre aids e representações sociais**. In: Scielo. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~ppgp/tese%20Andrea%20Bousfield.pdf> Acesso em: 08 de junho de 2012.



ESPINDULA, Daniel Henrique Pereira et al . **Perigoso e violento: representações sociais de adolescentes em conflito com a lei em material jornalístico.** In: Scielo. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S167673142006000200003&script=sci\\_abstract](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S167673142006000200003&script=sci_abstract). Acessado em: 21 de julho de 2012.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa.** Paidéia, Bahia, 2004, v.14, n.28, 139 -152.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed., São Paulo: Atlas, 1991.

MENANDRO, Maria Cristina Smith; TRINDADE, Zeidi Araújo; ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. **Representações sociais da adolescência/juventude a partir de textos jornalísticos (1968-1974 e 1996-2002).** In: *Scielo*. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S180952672003000100006&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S180952672003000100006&script=sci_arttext). Acessado em: 21 julho de 2012.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Otavio Cruz Neto, Romeu Gomes, Suely Ferreira Deslandes, São Paulo, Petrópolis, RJ, 1994.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social.** 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010. 404p.

OLIVEIRA, Jeane Freitas de; PAIVA, Mirian Santos; VALENTE, Camila L. M. **Representações sociais de profissionais de saúde sobre o consumo de drogas: um olhar numa perspectiva de gênero.** In: *Scielo*. Disponível em: <http://www.scielosp.org/scielo.php?>. Acesso em: 15 Nov. 2011.



SANTOS, M. F. S. **A teoria das representações sociais.** In: Maria de Fátima de Souza Santos e Leda Maria de Almeida. (Org.). *Diálogos com a teoria das representações sociais.* 1 ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE/Ed. Universitária da UFAL, 2005, v. 1, p. 13-38.